

CARTA AOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL

De Martanézia Rodrigues Paganini

Aos povos indígenas do Brasil

Respeitáveis povos,

Guaranis,

Tupiniquins,

Pataxós,

Xavantes,

Ticuna,

Caiangangue,

Macuxi,

Terena,

Guajarara,

Ianomâni,

Potiguara e outros mais,

Respeitosamente, venho lhes falar, com muito apreço e gratidão, peço licença para adentrar no universo de teu linguajar que, por força de humanidade, desde a minha infância aprendi a respeitar. Preciso falar, porque a palavra dita ecoa, empenha e comprova à sua origem. A palavra une significante ao significado, entranha a alma e, traz em si, a marca do lugar, o chão da resistência. A palavra dita ultrapassa as gerações, porque bate, rebate e se assenta, aguçando o seu sentido, ligando o criador à criatura, o sujeito às suas origens e à sua identidade.

É soletrando certas palavras, que dá gosto de ouvir, quero fazer soar a língua de meus ancestrais. Quero dizer do que sinto, experimentar a língua viva, ativá-la na memória. Quando me pego pensar de onde vem as palavras, penso nos lugares da experiência, resgato muitos

lugares de passagem por este Brasil grandioso. Uma delas é a palavra pedra. A palavra pedra é dura, resiste, marca e se impõe por natureza, mas pedra em sua origem é Ita:

Itararé	Itamari	Itajubá
Itaoca	Itambé	Itanhém
Itaúnas	Itaparica	Itaquera
Itapemirim	Itapé	Itanguá
Itaperuna	Itamaracá	Itapororoca
Itaguaçu	Itapetinga	Itanhéga
Itabela	Itapecuru	Itabira
Itamaraju	Itapitanga	Itapecirica da serra
Itaquaquecetuba	Itaquara	
Itaberaba	Itarantim	
Itabuna	Itaberá	
Itacaré	Itapeva	
Itaeté	Itapira	
Itagi	Itapuí	
Itagibá	Itaipu	
Itagimirim	Itariri	
Itajuípe	Itatinga	

Assim, ita ecoa em meus ouvidos e finca raiz na memória. Ita é palavra que fortalece. Vejo-me Ita, Ita que vem de ti para mim. Ita dá resistência à Terra, marca o lugar que acolhe, a cosmogonia do planeta, dá a cura, a coragem e o acolhimento, demarca o espaço onde se pisa.

Dito apenas isso, deixo muito a desejar, desejo muito respeito às origens de nosso falar. Como diz o poeta, a pedra tem muito a nos ensinar. Agora peço licença a Melo Neto, o João Cabral, o pernambucano arretado, este sim, soube respeitar. Escreveu este poema, que passo adiante a recitar:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal

(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

João Cabral de Melo Neto

Assim, com essas poucas palavras, ditas com pertencimento, fica aqui empenhada a palavra RESISTÊNCIA, registrada a duras penas, nas itas de muitos lugares, inclusive nos linguajares e, desses, ninguém lhes tira. Por isso com mestre Caetano, o Veloso, quero finalizar, vou retomar a pergunta, feita pelo poeta-cantor, mas desta vez, venho questionar aos donos da Terra, os primeiros do lugar, volto a interrogação: “O que pode esta língua?” em resposta vou dizer: ela tem poder de fogo, e se alastra em labaredas, ultrapassando gerações. No mais, vale parafrasear outro canto, um brado de valentia, não posso deixar de falar, não posso segurar a língua, por isso vou deixar “deixar que eles morram à míngua, nossa terra é nossa língua”.

Vila Velha- ES, abril do ano de 2020

Martanézia Rodrigues Paganini